



VOZ DA FÁTIMA

Por intermédio da Virgem Mãe, foi-nos dado Jesus, o Salvador. Mãe de Jesus, Ela é também nossa Mãe. Agradecemos-Lhe, neste Natal, o seu SIM que a fez tão excelsa aos olhos de Deus.

A todos os Cruzados da Fátima, filiados do Exército Azul, assinantes e amigos do jornal e difusores da Mensagem de Nossa Senhora, apresentamos ardentes votos de Boas-Festas e das melhores bênçãos do Menino Jesus.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLV — N.º 543
13 DE DEZEMBRO DE 1967
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Fátima e a Imaculada Conceição

DE entre todas as graças com que a bondade de Deus cumulou a Virgem Santíssima, parece nenhuma ser tão apreciada por Ela, como a sua Conceição Imaculada.

É que este privilégio é único, prova do grande amor de Deus para com sua Mãe. Aos outros cristãos, mesmo aos maiores santos, purifica-os o Senhor do pecado original, depois de com ele terem sido tocados. À sua Mãe não permitiu que essa mancha nem por um instante Lhe embaciasse a alma. Os outros são concebidos em pecado, Maria é concebida em graça. O demónio marca com o selo do pecado todos os descendentes de Adão, menos Maria. Só Ela entra vitoriosa no mundo, esmagando a cabeça de Satanás, que em vão pretendeu morder-Lhe o calcanhar. Por isso canta o nosso povo:

*Esmagaste, ó Virgem Santa,
Toda bela e imaculada,
A cabeça envenenada
Do dragão enganador.*

Quando aparece no mundo essa Menina bendita, os Céus e a terra debruçam-se sobre o seu berço e cantam: «Toda sois formosa, ó Maria, e mácula original não há em Vós».

Este privilégio a faz grande aos olhos do Deus de toda a santidade, que nada mais odeia que o pecado e nada tanto ama como a graça. Grande também aos olhos da humanidade, pois Maria é a única excepção à lei universal do pecado, a única glória da nossa natureza, a única flor toda pura no lodçal do mundo.

Nas principais Aparições

Maria estima tanto ver-se isenta da mancha original, que nas suas principais aparições refere-se sempre a este excelso dom.

Em 1830 mostra-se em Paris a Santa Catarina Labouré, humilde religiosa desconhecida do mundo. Ensina-lhe esta pequenina oração, que traduz com perfeita exactidão teológica o privilégio da Imaculada Conceição: «Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorreremos a Vós». Pedu que esta jaculatória seja cunhada numa medalha e repetida pelos fiéis, prometendo protecção especial a quem cumprir estes seus desejos. Tal foi a origem da célebre medalha, que,

por tantas graças concedidas, mereceu o título de *milagrosa*.

Em 1858, quatro anos depois da definição dogmática de Pio IX, escolheu a Virgem Santa uma gruta nas proximidades da cidade de Lourdes, nos Pirinéus, em França, para dezoito vezes falar com uma humilde criança, que é hoje Santa

Uma Imagem de N.ª S.ª da Fátima para as Filipinas

Esteve no Santuário da Cova da Iria a Senhora D. Estela Romualdez Sutil, embaixatriz das Filipinas no nosso País, acompanhada do cônsul geral e do adido comercial e respectivas esposas e outras pessoas da Embaixada para assistirem a uma missa e à bênção da imagem da Virgem da Fátima que vai seguir para a Província de Isabella, nas Filipinas, onde visitará todas as famílias para uma consagração comemorativa do cinquentenário das Aparições da Fátima.

A missa foi celebrada pelo Rev. P.º José Narciso Nabais, do Seminário do Coração de Maria, da Fátima, o qual benzeu a imagem que é uma réplica da que se venera na Capela das Aparições.

No fim da missa, a esposa do Embaixador que, por motivo de saúde, não pôde comparecer a esta cerimónia, e os restantes membros da comitiva foram recebidos pelo Reitor do Santuário, a quem entregaram uma bandeira da nação filipina como oferta do povo deste País a Nossa Senhora da Fátima.

O Reitor agradeceu a oferta e entregou-lhes medalhas comemorativas da visita do Papa Paulo VI à Fátima.



Bernadette. Na aparição do dia 25 de Março, a branca Senhora de faixa azul-celeste, juntando fervorosamente as mãos e olhando para o céu, com sentimento de indizível recolhimento, pronunciou estas solenes palavras: «Eu sou a Imaculada Conceição».

Na Fátima

Fátima é a grande revelação do Coração de Maria. Mas com que palavras nos aparece aqui caracterizado esse Coração? Chama-se: Doce, Sagrado, Puríssimo, com que tantas vezes a piedade dos cristãos o qualifica? Não. Na Fátima o Coração de Maria manifesta-se sempre com a designação de *Imaculado*.

Na terceira aparição o Anjo ensina aos pastorinhos um bellissimo acto de desagravo, que termina com esta súplica à Santíssima Trindade: «E pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e do Coração *Imaculado* de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores».

Nossa Senhora na Aparição de Junho pronuncia estas palavras: «Jesus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu *Imaculado Coração*». A Lúcia dirige, nesse mesmo

dia, esta confortadora mensagem: «O meu *Imaculado* Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus». No dia 13 de Julho diz: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu *Imaculado* Coração».

Pio XII e Paulo VI

O Santo Padre Pio XII, o chamado *Papa da Fátima*, compreendeu os desígnios da Mãe de Deus e sempre deu o título de *Imaculado* ao Coração de Maria. A intenção geral do Apostolado da Oração do mês de Maio de 1945, apresentada ao Santo Padre para a aprovação, dizia assim: «Para que se levante a confiança dos fiéis pelo culto do *Puríssimo* Coração de Maria». Pio XII corrigiu por seu próprio punho a palavra «*Puríssimo*» para *Imaculado* e mandou que assim fosse proposto aos associados do Apostolado da Oração.

A fórmula da consagração do mundo ao Coração de Maria redigida pelo mesmo Pontífice diz: «A Vós, ao Vosso Coração *Imaculado*... consagramos, confiamos, entregamos... todo o mundo». Palavras quase iguais proferiu-as no acto da consagração da Rússia, em 7 de Julho de 1952.

Fiel intérprete da vontade da Mãe de Deus e continuador do pensamento e obra de Pio XII, de quem foi o mais íntimo colaborador, Paulo VI, tanto na Exortação Pastoral publicada em Roma com a data de 13 de Maio, como no discurso que, no mesmo dia, proferiu na Cova da Iria, dá sempre ao Coração de Maria o qualificativo de *Imaculado*.

Já que a Virgem Santíssima e a própria Santa Igreja mostram tanto apreço e estima pelo privilégio da Imaculada Conceição procuremos também nós amá-lo e exaltá-lo.

F. L.

Na reza do terço «as palavras que os lábios pronunciam protegem e sustentam as meditações necessárias dos mistérios; são elas como um invólucro, ao abrigo do qual se derrama e circula uma seiva espiritual... Esta oração que parece escrava é a mais livre de todas; esta oração que parece vocal é a mais espiritual de todas; esta oração rudimentar é a mais contemplativa de todas e pode tornar-se a mais pessoal de todas...»

GEORGE GASPAU

A Mensagem da Fátima

DIZ-SE que a Santíssima Virgem se revelou na Fátima mais do que em qualquer das outras suas aparições. Ela mostrou-se como uma Mãe profundamente preocupada com a sorte dos seus filhos, dando-nos muitos conselhos e advertências, sabendo bem que deles temos grande necessidade. Nossa Senhora disse na Fátima muitas coisas do que tinha dito noutras aparições.

Para a maior parte daqueles que falam da Fátima, toda a mensagem se reduz a algumas simples directrizes: fazer penitência, rezar o terço todos os dias, consagrar-se ao Coração Imaculado, comungar no primeiro sábado de cinco meses seguidos. Milhares de católicos tomaram a sério este programa e com ele conformam a sua vida. E isto é magnífico e digno de louvor.

Mas a Virgem Santíssima pronunciou-se na Fátima sobre muitas outras coisas que a massa dos seus devotos parece ignorar totalmente. Entre estes ensinamentos e advertências da Senhora, vamos enumerar alguns.

— Ela quer que ofereçamos o nosso dever quotidiano como um sacrifício de reparação. Sentimos bastante a necessidade de reparar os nossos pecados e os dos nossos irmãos?

— Ela quer que rezemos pelos que não rezam, que adoremos pelos que não adoram com um amor de caridade. Quer que nós tomemos o lugar dos outros no culto devido a Deus.

— Ela predisse o aparecimento de novas modas que muito ofenderiam o Seu Filho divino. Raparigas e senhoras, pensais nisto sempre?

— Ela disse que a impureza manda mais almas para o inferno do que qualquer outro pecado. Tem-se porventura isto em conta nos nossos costumes?

— Ela predisse, em 1917, que, se os seus pedidos não fossem atendidos e realizados, a Rússia difundiria os seus erros no mundo provocando guerras e perseguições contra a Igreja; que os bons seriam martirizados, que o Santo Padre teria muito que sofrer, que muitas nações seriam aniquiladas. Tudo isto se realizou à letra, sem que nos preocupemos muito!

— Ela disse: «É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados. Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido». Procuramos verdadeiramente mudar de vida?

— Ela propôs uma oração para recitar no terço. Quis que a rezassem os seus três pequenos privilegiados, e não quererá certamente que a rezemos nós também?

— Ela pediu-nos que fizéssemos sacrifícios pelos pecadores, afirmando que muitos vão para o inferno porque ninguém reza e faz sacrifícios por estas pobres almas.

— Ela revelou-nos que o Coração de Jesus quer ser honrado juntamente com o Coração de Maria, que o bom Deus confiou a paz do mundo ao seu Coração Imaculado e que por isso Ele quer que esta devoção se espalhe no mundo.

— Ela revelou-nos que, se fizermos o que nos pede, salvar-se-ão muitas almas e teremos paz.

— Ela disse-nos que as guerras são uma punição de Deus pelos nossos pecados.

— Enfim, Ela predisse que o seu Coração Imaculado acabará por triunfar, que a Rússia se converterá e que teremos paz.

Em 1943, Nosso Senhor apareceu à Lúcia lamentando-se amargamente de que o mundo não tinha obedecido a Sua Mãe, e concretizou que o sacrifício requerido a cada um é a fidelidade ao próprio dever quotidiano e aos seus mandamentos. Esta é a penitência que pede e exige presentemente.

Como se vê, a Mensagem da Fátima implica muito mais que duas ou três práticas de piedade. Pretende dar-nos uma mentalidade cristã para que «baptizemos» este mundo materialista e pagão no qual vivemos, e para que consigamos, pela intercessão do Coração Imaculado de Maria, obter a conversão da Rússia, a paz para a Igreja e para o mundo.

M. P.

As Cerimónias da Peregrinação Mensal foram Presididas pelo Senhor Bispo Auxiliar de Leiria

Com a Basílica repleta de fiéis, realizaram-se as habituais cerimónias da peregrinação mensal, a primeira da época de Inverno do ano do cinquentenário.

Tanto na Basílica como na Capela das Aparições foram rezadas missas por diversos sacerdotes, não só os capelães do Santuário como sacerdotes das Casas religiosas e dos Seminários da Fátima.

Às 10 horas, realizou-se a procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora desde a Capelinha das Aparições para a Basílica. Antes, recitação do terço, presidido pelo Reitor do Santuário, Mons. António Antunes Borges.

Entretanto, na Basílica tomaram lugar

nos bancos da frente alguns doentes, ajudados pelos membros da Pia União dos Servitas.

Celebrou a missa da peregrinação o Reitor do Santuário que, ao Evangelho, preferiu a homília. Em linguagem vibrante e esclarecedora, Monsenhor Borges referiu-se às comemorações cinquentenárias pondo-as como tema de meditação a todos os devotos no que diz respeito ao cumprimento da Mensagem trazida à Fátima e espalhada por todo o mundo, em 1917. Classificou de verdadeiramente milagrosas as peregrinações que a veneranda imagem tem realizado por todo o mundo, nomeadamente a que se efectuou agora com o Se-

VIVE NO BRASIL

Um Irmão da Lúcia, a Vidente da Fátima

Com 43 anos de Brasil, Manuel dos Santos é hoje mais pobre do que quando chegou; é um homem sem amanhã.

A riqueza andou sempre por longe da sua porta, de tal modo que aos 72 anos ainda trabalha, como hortelão, numa chacazinha localizada nos arredores da cidade paulista de Assis.

O «Manuel Abóbora» — como é conhecido na região onde há muitos anos se fixou — tem trilhado esses caminhos dos muitos portugueses do Brasil, que, por sua humildade e honradez, pela sua luta sem fim e ignorada, bem poderiam figurar ao lado dos personagens de Ferreira de Castro ou de Aquilino Ribeiro.

E se não fosse irmão de Lúcia, a vidente da Fátima, nada o distinguiria de milhões de outros imigrantes.

É um trabalhador cansado e sem horizontes, depois de uma vida inteira dedicada ao labor da terra, que lhe pagou mal tanto esforço e tão constante dedicação... mas é também o irmão da Lúcia.

Chegou aos 29 anos com um passaporte na mão e, além de muitas ambições, tinha um nome: Manuel dos Santos.

Quarenta e três anos depois, até o nome de origem foi riscado do passaporte, que não voltou a usar: não passa do «Manuel Abóbora», apelido carinhoso, sem dúvida, mas que bem reflecte a sua condição modestíssima.

E é nesta condição que o «portuga» se iguala, assim, a tantos outros patrícios: um desconhecido no meio da multidão, roído sempre pelas saudades, mas incapaz de tomar a decisão de chegar ao Consulado e pedir o repatriamento. Porque voltar de mãos vazias, não, ele não voltará! E mesmo que chegasse a essa humilhação, como poderia deixar os oito filhos que criou e se dispersaram por esses imensos Brasis?

Tomamos o Manuel dos Santos como um símbolo do imigrante português que não enriqueceu, que se integrou, irremediavelmente, na lista daquelas centenas de milhares que vivem do salário amargo, ou seja, desse salário que as leis estabelecem como mínimo. Os outros, os afortunados, são tão poucos, que os jornais das «colónias» chegam à vontade para lhes citarem as condecorações, os altos postos ocupados, as festas que promovem, as viagens que realizam.

«Manuel Abóbora» é um dos tantos da legião maior; um que repetiu nos trópicos a lição aprendida no solo estremenho, cavando, semeando e colhendo, com esses braços que alugou, ainda jovem, e depois assim continuaram, ao largo de quarenta e três anos de labuta subalterna. Nunca chegou a fazendeiro, como sonhara, e, aos 72 anos, nem de uma humilde chácara é dono.

— Vai ficar por Assis? — perguntámos.

— Ficarei até o dono me mandar embora...

Quando isso acontecer, o irmão daquela que viu aparecer a Virgem na Fátima, terá provavelmente que recolher-se às sopas dos filhos, quando os reencontrar, pois «eles andam por aí...» Alguns residem, ao que parece, na cidade de São Paulo.

E, na cidade grande, onde ninguém o

conhece Manuel dos Santos perderá, certamente, até o apelido carinhoso que lhe dão em Assis — e transformar-se-á num aposentado sem reforma, num homem velho que esperará a morte nos bancos de jardim da orgulhosa e febril capital dos bandeirantes.

Mas, antes que o fim chegue, os portugueses, incluindo os de São Paulo, sempre tão decididos no auxílio aos patrícios sem dinheiro, poderiam oferecer-lhe a alegria que nunca teve — dar-lhe uma nesga de terra, onde ele cultivasse a sua batatinha, as hortaliças e o feijão.

Uma pequena chácara, mesmo nos tempos caros de hoje, é coisa bem acessível ao bolso dos que venceram na vida. Com poucos milhões de velhos cruzeiros, Manuel, símbolo de tantos portugueses que perderam a aposta do Brasil, mereceria morrer tranquilo e feliz, por obra e graça dos seus patrícios que tiveram a sorte de vencer na vida.

Mas se não puderem dar-lhe essa chácara pela qual ele suspirou durante 43 anos, que o tragam ao menos, para São Paulo, onde ficará junto dos filhos, e que lhe ofereçam outro lugar de hortelão, defendendo o velho imigrante da ameaça que sobre ele pesa:

— Ficarei até o dono me mandar embora...

Os 72 Invernos de Manuel dos Santos não lhe roubaram a alegria nem a agilidade, e muito menos a extraordinária simpatia humana que dele irradiava.

Extremamente lúcido, é bom conversador, afável e bem disposto. Responde a tudo o que lhe perguntam e diz que nunca mais pôde voltar a Portugal, embora as saudades da terra e dos irmãos que ainda vivem o «matem por dentro». E, no entanto, quando interrogado sobre se gostaria de voltar a abraçar a família, explica e indaga ao mesmo tempo, sorrindo:

— Sim, mas como?

Lembra-se de tudo o que aconteceu — «como se fosse hoje» — naqueles agitados dias de 1917. Mas não, não viu a Senhora, quem a viu foram Lúcia, Francisco e Jacinta. Eles é que presenciaram o milagre e depois contaram tudo.

Manuel dos Santos vive na casa pequena e limpa da chácara do seu patrão nas proximidades de Assis, uma cidade de 30 mil pessoas, a 400 quilómetros de São Paulo. Cuida da horta, faz todos os trabalhos agrícolas e a colheita vai levá-la à cidade numa carrocinha. Enquanto o patrão o quiser, ele não sairá. Depois... Manuel não sabe.

Mas este homem que viveu a sua juventude bem perto do milagre, agora não espera nenhum. Quando o interrogam sobre o que gostaria de mandar à família, que está em Portugal, só sabe dizer:

— Mandar saudades, muitas saudades...

E se lhe perguntam se valeu a pena trocar a terra natal pelas sedutoras promessas do Brasil, Manuel deixa de sorrir e responde francamente, sem hesitar:

— Foi bobagem...

No fim de uma vida sem esperanças, há dois «milagres» possíveis para o irmão da Lúcia: levá-lo a Portugal, para que acabem essas saudades que o «matam por dentro» e, no regresso à terra que escolheu para viver, dar-lhe a chacarzinha que ele sempre quis e nunca teve.

«Imigrante anónimo, perdido na multidão dos portugueses pobres do Brasil, Manuel dos Santos é a imagem pura da coragem, da honradez e da resignação».

Não é do jornalista esta conclusão, mas do Dr. Fernando Mendonça, professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Assis e da Universidade do Paraná, em Curitiba.

Sem o seu auxílio, esta crónica não poderia ter sido escrita, pois foi ele quem localizou Manuel dos Santos — o português do Brasil que nada espera mas a quem podem ser oferecidos dois «milagres».

S. Paulo (Brasil).

JOÃO ALVES DAS NEVES

(De «A Comarca de Arganil»)